

Os fatos provam a reencarnação

Trazemos, de início, um pensamento atribuído a Buda:

Não creiais em coisa alguma pelo fato de vos mostrarem o testemunho escrito de algum sábio antigo. Não creiais em coisa alguma com base na autoridade de mestres e sacerdotes. Aquilo, porém, que se enquadrar na vossa razão e, depois de minucioso estudo, for confirmado pela vossa experiência, conduzindo ao vosso próprio bem e ao de todas as outras coisas vivas: A isso aceitai como Verdade. Por isso, pautai a vossa conduta. (Gautama Buda, c. 500 a.C.).

Fantástica a percepção dele ao dizer que só devemos aceitar como verdade aquilo que, depois de dedicado e minucioso estudo, for confirmado pela experiência; , pena que a maioria dos anti-reencarnacionistas não levam em consideração tal fato. Pensam, erroneamente, que é uma questão tão somente de crença religiosa, quando, na verdade, trata-se de uma lei da natureza, ainda não referendada pela ciência; entretanto, está a um passo disso, dado o volume atual de casos que apontam para a reencarnação pesquisados por especialistas como, por exemplo, Ian Stevenson e Dr. Banerjee, com milhares de casos de crianças que se lembram de outras vidas.

Certamente, que aparecerão muitos que nos dirão: “não creio”! Para responder-lhes passaremos a palavra a Dr. Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), saudoso pesquisador brasileiro do fenômeno, quando especificamente falava da sobrevivência e a possibilidade de comunicação com os mortos:

Desse modo, crer ou não crer em tal possibilidade já pode estar na dependência de achar-se bem ou mal informado acerca do avanço das pesquisas científicas realizadas também nesse campo de investigação. Não nos parece mais tratar-se de uma questão de posição doutrinária, e muito menos de uma questão de bom-senso. Daqui por diante, serão os fatos e não apenas as opiniões pessoais que deverão pesar na avaliação das conclusões acerca da sobrevivência. (ANDRADE, 2003, p. 88).

Mutatis mutandis, o que diz aqui se aplica à questão da reencarnação.

Se contra fatos não há argumentos, vamos aos casos, que serão exemplificados com dois citados pelo neurologista e psiquiatra Dr. Brian Weiss (1944-), norte-americano.

Seguindo a recomendação de Gautama Buda, podemos detectar que a prática da terapia regressiva de vivências passadas tem levado a cura a milhares de pessoas.

É conveniente citarmos que foi Eugène-Auguste Albert de Rochas d'Aiglun (1837-1914), francês, coronel-engenheiro, o pioneiro na aplicação da regressão de memória; ele é o autor do livro *As vidas Sucessivas*. Foi com este trabalho que ele praticamente lançou os fundamentos da técnica de regressão de memória. Entre os anos de 1903 e 1910 realizou pesquisas em dezoito pessoas, conseguindo levantar não apenas a questão das vivências passadas, mas numerosos aspectos complementares e subsidiários que ainda permanecem à espera de mais amplas e profundas pesquisas.

Atualmente é usada por inúmeros psiquiatras e psicólogos para tratamento de seus pacientes; entre eles destacaremos o médico psiquiatra Dr. Brian Weiss, presidente emérito do Departamento de Psiquiatria da Mount Sinai Medical Center, em Miami e Professor Clínico Associado de Psiquiatria da Universidade de Miami School of Medicine.

Estaremos utilizando o seu livro, *A cura através da Terapia de Vidas Passadas*, para demonstrar que a experiência está confirmando a reencarnação.

Oportuno buscarmos algumas de suas colocações, a fim de bem situarmos o seu pensamento e a eficácia da técnica de regressão que utiliza em seus pacientes, que, segundo ele, já realizou em quatro mil deles:

[...] Descobri que cerca de 40% dos meus pacientes precisam se aprofundar em outras existências para resolver seus problemas da sua vida clínica atual. A regressão a um período primitivo da existência atual costuma ser bastante proveitosa para a maior parte dos demais. (WEISS, 2003, p. 26). (grifo nosso).

Muitos destes pacientes passaram por terapias convencionais antes de me procurarem, mas essas terapias tinham sido ineficazes ou apenas parcialmente eficazes. Para estes pacientes, a terapia de regressão a vidas passadas foi necessária para erradicar os sintomas por completo e encerrar de uma vez por todas estes ciclos recorrentes de comportamento nocivo e desajustado. (WEISS, 2003, p. 28). (grifo nosso).

Descobri que a hipnose combinada com a terapia de regressão explora o inconsciente mais profundamente do que técnicas psicanalíticas como a livre associação, em que o paciente permanece num estado relaxado porém consciente, simplesmente fechando os olhos. [...] (WEISS, 2003, p. 28). (grifo nosso).

Como terapeuta ou paciente você não precisa acreditar em vidas passadas ou na reencarnação para que a terapia de vidas passadas funcione. A prova está na eficácia. [...] (WEISS, 2003, p. 55). (grifo nosso).

A pesquisa médica neste campo está só começando. Contudo, posso afirmar que a terapia de vidas passadas deve ser seriamente considerada como um poderoso e eficaz acréscimo ao rol de terapias holísticas eficazes, ou seja, de terapias que têm por objetivo não só aliviar um sintoma ou um problema, mas curar a pessoa como um todo, corpo e mente. (WEISS, 2003, p. 60). (grifo nosso).

Aqui temos, então, o que a experiência vem nos apontando da prática da regressão a vidas passadas na cura de variados sintomas das pessoas.

Não deixa de ser também muito interessante é o que constatou Weiss, relativamente a mudança de comportamento de seus clientes:

A componente espiritual da terapia de vidas passadas também constitui um notável processo de cura. Na qualidade de pacientes a experiência pessoal de que não morrem quando os corpos morrem leva-os a concluir que possuem de facto uma natureza divina que transcende nascimento e morte. A vontade de viver, de conseguir a cura, e a fé em que a cura pode acontecer e acontecerá normalmente crescem graças a ela. Os pacientes aprendem tudo a respeito do elevado potencial que se encontra dentro de cada um de nós e que nos ajuda a planejar as nossas vidas e a alcançar a nossa centelha divina. Tornam-se menos ansiosos, mais descontraídos. Uma maior percentagem da sua energia pode ser dirigida no sentido do processo de cura, afastando-se do medo e do sofrimento. (WEISS, 2003, p. 65).

É positivo o fato de que os que se submetem a regressão a vidas passadas passam a ter uma visão mais espiritualizada da vida.

Escolhemos dois casos para exemplo:

1º caso:

Jack é um piloto de carga de quarenta anos que veio buscar minha ajuda para resolver uma série de sintomas físicos e psicológicos. Sofria de enxaquecas, artrite gotosa e hipertensão. Psicologicamente, acumulava ressentimentos durante semanas e explodia de repente com uma intensidade que beirava a fúria. Jack também sofria de uma fobia monos sintomática muito específica. Toda manhã, quando se afivelava no assento do piloto e taxiava para decolar, olhava ansiosa e repetidamente pela janela do avião para ver se não faltava a asa direita.

Tendo servido na Força Aérea anos antes de se tornar piloto comercial, Jack era um profissional extremamente experiente e responsável. Nunca passara por qualquer situação de emergência que pudesse ter causado sua ansiedade atual. Ainda assim, toda manhã ao acordar só conseguia pensar se a asa do seu avião ia cair naquele dia.

Na terapia, Jack vivenciou diversas vidas passadas numa combinação de regressão clássica e processo de fluxo de momento-chave. Na primeira sessão, relembrou uma vida como vaqueiro no Velho Oeste. Naquela existência, ele morreria ao ser esmagado por uma rocha que caíra quando cavalgava por um desfiladeiro. Ao reviver a experiência de morte, Jack relembrou a sensação de sufocamento. A medida que a regressão continuava, entrou numa vida diferente e num segundo momento-chave.

Descobriu que tinha sido piloto da aviação alemã atingido por engano pelo fogo antiaéreo dos seus compatriotas na Segunda Guerra Mundial. O disparo arrancara a asa direita do avião. Jack morreu quando o aparelho danificado mergulhou em direção ao solo. Ao revivenciar a morte e o estágio de entrevida que se seguiu, Jack também reviveu a terrível raiva e frustração por causa do erro que lhe tirara prematuramente a vida, forçando-o a abandonar sua jovem família.

Após este processo de regressão, Jack sentiu-se animado, como se estivesse livre de um enorme peso. Agora tinha uma explicação para a angústia irracional que vinha experimentando em sua presente existência. Em duas semanas, nós dois notamos que sua fobia com relação à asa havia desaparecido completamente. Ele já conseguia entrar na cabine sem lançar um olhar angustiado para a asa direita do avião. Sua raiva contra o absurdo daquela morte também o ajudou a compreender melhor a origem de seus frequentes acessos de raiva.

Na segunda sessão, decidimos explorar a causa de sua artrite gotosa. Entrando em transe, Jack deslizou imediatamente de volta ao fluxo de momentos-chave e recordou uma existência passada, quando sofrera graves lesões nos joelhos ao colidir com uma cerca baixa. Devido a este acidente, teve os dois joelhos rasgados, sofreu infecções graves e, por fim, atrofia das pernas. Nunca se recuperou plenamente e passou a exigir cuidados constantes. Tornou-se irritado, deprimido e morreu prematuramente. Outra conexão entre um atual mal-estar físico e emocional fora estabelecida.

Em seguida, Jack rememorou uma existência antiga na qual o chifre de um animal havia perfurado sua cabeça, atravessando o lobo occipital do cérebro e saindo bem debaixo do olho direito, local das suas enxaquecas atuais.

Desde aquela sessão, Jack não teve mais enxaqueca. Embora só o tempo possa dizer se a terapia de vidas passadas eliminou de fato a enxaqueca, de qualquer forma houve uma acentuada melhora no seu nível de bem-estar. A gota também diminuiu. E boa parte da raiva de Jack foi substituída por uma sensação de paz. Seus valores mudaram a partir da vivência de algumas existências anteriores e a vida passou a ter outro sentido e objetivo. À medida que o medo da morte foi desaparecendo, as coisas que antes o irritavam ou enfureciam passaram a lhe parecer tolas, pequenas e irrelevantes. É isto o que geralmente acontece com a maioria dos pacientes submetidos à terapia de vidas passadas. (WEISS, 1996, p. 60-62) (grifo nosso).

2º caso:

Betty foi outra paciente que usou a terapia de regressão para pôr fim à dependência de remédios. Ela sofria de asma, alergias e tinha problemas no sistema respiratório desde a infância. Precisava de injeções de adrenalina e doses de esteroides e outros medicamentos para controlar seus acessos e sintomas. Parecia destinada a viver o resto de sua vida isolada por esses terríveis ataques de asma, dependendo dos medicamentos até para respirar. A personalidade e as circunstâncias da vida de Betty eram diferentes das de Alberto, e ela se viciou num descongestionante nasal.

Durante a terapia de regressão, Betty começou a sufocar e arfar com falta de ar. Relatou-me que estava sendo queimada numa fogueira em alguma época da Idade Média. A fumaça era avassaladora, queimando seus pulmões. Betty finalmente flutuou para fora do corpo, pairando acima dele e da multidão, observando seu corpo ser terrivelmente consumido pelas chamas.

Depois da sessão, sua asma melhorou quase imediatamente. Eu ainda me assombro com o fato de um sintoma tão grave e antigo ser literalmente reduzido da noite para o dia. Parece um milagre. Mas foi isto que aconteceu: a asma melhorou, assim como as outras alergias. Depois desta experiência, Betty parou de usar o descongestionante em que se viciara, restando apenas um mínimo entupimento. A aflição desapareceu e a qualidade

de sua vida melhorou muitíssimo. Seus medos diminuíram de modo notável.

Betty não é a única dos meus pacientes que se curou de alergias ou problemas respiratórios crônicos através da lembrança de uma experiência de morte por queima dos pulmões ou sufocação. Da mesma forma, enxaquecas, asma, infecções respiratórias e alergias são problemas físicos da existência atual que parecem ter origem em sofrimentos vivenciados em existências anteriores. O trauma físico do passado parece deixar um resquício físico no presente. (WEISS, 1996, p. 69-70) (grifo nosso).

Se contra fatos não há argumentos...

Outra pessoa a usar esse método é o neuro-físico francês Patrick Drouot. Dele citaremos também dois casos, transcritos do livro *Reencarnação e Imortalidade*.

1º caso:

Na primavera de 1987, Jacques, homem de negócios com atuação internacional, veio me ver. Era um homem bem-realizado, pragmático. Explicou-me que as vidas passadas lhe interessavam, mas que desejava, sobretudo, realizar a experiência da abertura de consciência, pois lhe parecia ser um instrumento de desenvolvimento pessoal capaz de ampliar a sua visão do mundo e aguçar a sua sensibilidade na esfera dos negócios. Incidentalmente, durante a conversação, ele também abordou um problema que o incomodava consideravelmente: há quatro anos, contraía, de seis a oito vezes por ano, torcicolos extremamente dolorosos. Tinha recorrido a tratamentos médicos sem grande efeito. Tentara também massagistas, terapeutas e acupuntura que tampouco não lograram aliviá-lo. Ele viajava muito e as dores o afetavam, infelizmente, nos seus deslocamentos profissionais. Imaginei que chegar a Tóquio, para um congresso, com o pescoço bloqueado, não deveria ser muito engraçado.

Eu lhe propus, então, verificar logo na primeira sessão se a causa do seu problema físico jazia em seu passado. "Por que não?" respondeu Jacques com um leve sorriso. Procedi às diferentes etapas da relaxação. Jacques, que praticava a meditação zen, demonstrou facilidade e partiu rapidamente para se encontrar ao fim do túnel temporal... alguns anos antes.

[...]

Sem transição, dirigi-me à sua consciência superior:

– Agora, vou contar até cinco e, então, você verá a causa, a causa, a causa do problema na nuca que afeta o corpo do presente, nada mais do que a causa, a causa.

Contei rapidamente até cinco, estalei os dedos e lhe disse: - Agora deixe as coisas acontecerem. O que se passa?

A paisagem havia mudado. Jacques ainda estava na mesma praça, porém três séculos antes. Vestia roupas de camponês. Tinha as mãos amarradas às costas e era conduzido para a forca. Eu o fiz reviver toda a cena, incluindo o enforcamento final. Em seguida, fi-lo passar para o outro lado, depois da morte, no período entre as vidas. Ao fim de um trabalho, que explicarei depois, Jacques tomou consciência de que seus problemas na nuca provinham diretamente desse enforcamento no passado. Depois dessa sessão, nunca mais apareceu. (DROUOT, 2001, p. 46-47).

2º caso:

Ariane é cantora profissional e musicóloga. Canta Mozart, Haydn, mas, há alguns anos, sofre de um problema. Acontece – com relativa frequência – que as suas cordas vocais ficam bloqueadas. Sobretudo a esquerda que, ao mesmo tempo, é sujeita a hemorragias. Como se fosse de propósito, isso acontece antes de viagens importantes, o que já a impediu de realizá-las, com prejuízo profissional. Ariane é interessada na abertura de consciência e se pergunta da possibilidade de ser um problema kármico. Por isso, veio me ver.

Já deitada no divã, faço com que relaxe e peço à sua corda vocal esquerda que se exprima através da boca de Ariane e que nos diga a causa do seu problema. Rapidamente ela começa a ter algumas visões difusas atrás de seus olhos fechados. Depois diz que "escuta" realmente ruídos de multidão. Trata-se, aqui, do que chamamos fenômeno de clariaudiência. É bastante raro mas, no

caso de Ariane, cujo trabalho privilegia o senso auditivo, é relativamente compreensível. Intrigado, pergunto-lhe:

- O que diz essa multidão? Ligue-se em suas vibrações. O que emite ela?
- É uma multidão irada - responde. - Gritam. Ao mesmo tempo, percebo uma alegria doentia em sua cólera.
- Ligue-se em você mesma.
- Estou no meio deles. Tenho a impressão de que me levam a algum lugar.
- É um espaço aberto? Estamos ao ar livre ou num interior?
- Não. Estamos ao ar livre. Tenho a impressão de que é uma grande praça. Levam-me. Sinto que vou morrer... Vão me matar! - exclama subitamente e começa a chorar.
- Observe bem o que se passa no seu corpo. Como sente o que parece ser seu próximo fim?
- Sinto-me abatida. É qualquer coisa de inevitável. Nada mais posso fazer: sou como um carneiro sendo conduzido ao matadouro. Ao mesmo tempo, sinto um vago orgulho.
- Tentemos compreender o que se passa. Ligue-se nas pessoas. Como estão vestidas? O que isto a faz pensar?
- É... É a Revolução francesa. Sou uma nobre e, junto com outros, estou sendo conduzida à guilhotina.
- Avancemos alguns minutos no futuro, até o momento em que a guilhotina cai.
- Faço-a reviver o momento da sua morte. Pergunto-lhe o que sente, agora que tudo está acabado.
- Flutuo acima do meu corpo - respondeu-me. - Isso não me interessa mais. Não sou mais eu.
- Você teve medo no momento da morte?
- Sim. Ainda sinto aquele medo. É difuso, mas ainda o sinto.
- Você quer dizer que vai levar o medo consigo?
- Sim, creio que sim. É ainda vago, mas ele me acompanha.
- Gostaria que fizesse, se possível, uma ligação entre esse passado e o presente desta vida.
- Cada vez que devo cantar em público, isso me lembra aquela multidão que me levou à guilhotina. As pessoas que me aplaudem nas salas de concerto me fazem pensar naquelas que gritavam de alegria enquanto eu marchava para o meu fim.

Esta sessão realizou-se em meados de 1986. A partir desta data, ao que eu saiba, Ariane não teve mais problemas nas cordas vocais. É interessante destacar que Ariane é de origem americana. O acaso (?) do seu destino a fez viver na França, trabalhar na França e trazer à consciência esse fato, do tempo em que era francesa durante a Revolução, com a ajuda de um operador francês. Facilmente ela poderia encontrar alguém nos Estados Unidos. (DROUOT, 2001, p. 75-76).

Em ambos os casos os pacientes não tiveram mais os problemas; seguramente, podemos dizer que a causa foi a Terapia de Vidas Passadas.

Apenas, para não perder esclarecedores argumentos de Drouot, sobre o caso Jacques, transcrevemos:

O restabelecimento de Jacques foi real, tão real como foi, para ele, a história do enforcamento no século XVII num burgo alemão. Assim, portanto, é necessário abordar um aspecto que, com maior ou menor intensidade, a todos interessa: Jacques elaborou o cenário com todos seus componentes, mesmo que inconscientemente, ou reencontrou de fato a lembrança de um acontecimento que não pertencia a esta vida? As vidas anteriores são mito ou realidade?

Um pesquisador cheio de dúvidas iria esquadriñar os arquivos da época. Vasculharia os registros de nascimento e os autos de processos dos burgomestres. Exigiria datas, nomes, detalhes. Quanto a mim, o que interessa é que cada um se abra para si mesmo e encontre o caminho da sua própria reunificação.

Não resta dúvida que a pergunta merece ser feita. Mas, como toda questão simples referente a um fenômeno complexo, não se pode respondê-la de maneira definitiva.

Procedamos por ordem. Poderia tratar-se de uma simples fantasia mental, de um cenário pleno de imaginação e de invenção montado com todas as peças? Parece difícil. Se pedirmos a cem pessoas para que improvisem uma história situada, digamos na Idade Média, mesmo os mais dotados nesse gênero de exercício vão hesitar, elaborar suas palavras e realmente terão dificuldade em construir algo coerente em cinco ou dez minutos. Ora, no caso de Jacques como em outros, é uma narração construída, inteira, que flui espontaneamente e sem esforço. Por vezes, quase sem a intervenção do operador, o que já me aconteceu. Aliás, quanto às centenas de milhares de pessoas que viajaram num passado anterior a esta vida, a grande maioria declara que não pode se tratar de uma simples elaboração imaginativa. Esses viajantes afirmam ter tido muito mais a sensação de experimentar, reviver literalmente uma situação, um acontecimento do que relatar uma história.

Tenho, com frequência, constatado que, naquele instante, a voz da pessoa muda, assim como algumas das suas expressões faciais. É como se, ao contar a sua outra vida, as pessoas reencontrem os traços de sua antiga identidade. (DROUOT, 2001, p. 47-48).

Temos aí, então, que a experiência prova não se tratar de fantasia mental as incursões da memória ao passado, pois, certamente, que o nosso inconsciente registra todos os acontecimentos de nossa alma, no decorrer de todas as reencarnações.

E os últimos dois casos serão transcritos do livro *Vivências*, de Anabela Sabino, psicóloga e escritora.

1º caso:

Maria era uma mulher de trinta e cinco anos, bem adaptada em sua profissão de professora primária; muito criativa, dedicava-se como *hobby* à pintura em tela e a escrever poesia e exercia atividades filantrópicas. Sua vida familiar era tranquila ao lado dos dois filhos e do marido.

O relacionamento com o marido era bom. Havia amor e muito respeito entre eles.

Preocupava-lhe aspectos relacionados com a sua sexualidade. Incomodava-a muito a necessidade que tinha de usar a fantasia para chegar ao orgasmo. Criava situações bastante promíscuas, em que o marido nunca estava presente, que posteriormente identificou como sendo parte das suas experiências sexuais de outra vida.

Muitas vezes a percepção distorcida de um fato passado, no momento em que ele ocorreu, pode trazer para uma posterior existência sérias consequências comportamentais; aos moldes das generalizações não justificadas.

Segue o resumo de percepção totalmente intuitiva, que embora minha paciente não visse imagens, conseguia senti-las acontecendo.

Em uma existência na qual: muito atraente, de cabelos longos e pele morena, que a fazia lembrar uma jovial espanhola.

Levava vida de meretriz, dormindo com um e outro, a troco de dinheiro e presentes.

Parecia residir em uma cidade pequena, e foi grande o escândalo quando se anunciou no lugarejo seu noivado com um jovem da sociedade. Identificou esse rapaz como sendo o seu atual marido.

No dia do seu casamento compareceram a sociedade local e convidados por parte do noivo. Estava feliz por deixar aquela vida, e por ter encontrado alguém que lhe desse valor. Acreditava sinceramente que poderia recomeçar uma nova vida.

No exato momento em que estava relatando a sua morte, comenta admirada, como se tivesse feito uma grande descoberta naquele momento. - "Mas não foi ele que pôs o veneno no vinho, foram aquelas mulheres com ciúmes, porque seus maridos me procuravam, eu pensei que fosse ele".

Tinha carregado consigo até aquele momento uma ideia errada do que havia acontecido naquele dia fatal. Por isso seu: marido nunca estava presente

em suas fantasias, desviando dele toda a energia sexual, punindo-o inconscientemente pela traição que a ele atribuía. Revendo os fatos fora da emoção do momento, pôde entender que o noivo (ou seja, seu atual marido) não havia forjado sua morte.

Na hora do brinde, tomaram vinho (tinto) com as taças cruzadas. Ao tomar o líquido, caiu morta ao chão.

A partir dessa revelação sentiu uma imensa gratidão e admiração pelo marido. O tratamento foi encerrado por motivo de mudança de cidade, embora houvesse necessidade de se explorar um pouco mais o campo da sexualidade. Os seus sintomas apenas se abrandaram. Ainda precisava usar as fantasias de ordem sexual, porém os conteúdos das mesmas se tornaram bem menos grotescos e intensos, embora ainda não incluísse o marido como objeto de seus desejos. (SABINO, 2004, p. 159-160).

2º caso:

Mima tem 40 anos. Sua infância foi muito sofrida, sentindo-se abandonada e solitária, cheia de privações materiais e afetivas. Marcada por episódios em que a figura masculina representava alguém que não merecia consideração, a começar pelo pai alcoólatra.

Aos cinco anos de idade foi vítima de tentativa de estupro por um vizinho, situação traumática que não compartilhou com ninguém.

Teve um único namorado, em plena juventude, e uma grande decepção amorosa. Nunca mais se interessou por homem algum; sua sexualidade era totalmente reprimida. Chegou a pensar em ser freira, porém, concluiu que poderia ser útil à comunidade independente de se tornar uma religiosa. Decidiu, então, dedicar-se à área da educação.

Dissertarei sobre duas experiências de regressão de idade a vidas passadas, que têm profundas relações com o atual padrão de pensamento de Mima, minha paciente.

Mima é Marta. Está em um lugar fechado, parecem-lhe paredes de pedras. O lugar é sujo, muito úmido, há limo nas paredes e faz muito frio. As paredes são grandes e altas, em um dos lados há grades.

Peço para olhar para si mesma. Diz que seu cabelo é comprido e está sem roupa, vê-se como quem olha de costas. Sua cabeça está caída para baixo.

Vive o período da inquisição. Está presa, mas ainda não sabe por quê.

Peço para sentir-se Marta e descobrir o que aconteceu. Tem sensações de muito frio, diz que está muito gelado e usa os braços tentando aquecer-se.

Encaminho-a para acontecimentos anteriores a esses.

É jovem, tem vinte anos, está na rua, "dando água e pão para aquelas pessoas, os mendigos".

Em um outro momento está no campo, perto de um rio. Usa roupa branca, e está descalça. "É bonito, tranquilo..."

Peço para estar com sua família:

Vê uma casinha, ao entrar percebe que a porta é pesada. Lá dentro está escuro.

Diz que seu pai bebe muito, "ele não larga de uma moringa". Sua mãe está deitada na cama, muito doente.

Próximo fato importante:

Dirige-se a "uma casa muito grande de pedra, tipo um castelo, sei lá".

Foi até lá pensando em obter ajuda para sua mãe, imaginou que eles poderiam fornecer-lhe alguns remédios.

Lá encontrou muitos homens, eram guardas. "Eles só riam, mexiam em meu cabelo. Eu só queria ajuda."

"Não deixaram eu sair mais. Fizeram uma rodinha, eu agredi um deles, peguei uma pedra e bati na cabeça dele. Então, eles me pegaram e me levaram."

Levaram-na para a prisão descrita anteriormente, onde veio a falecer.

Um pouco antes da morte:

Está amarrada. "Esses homens passam espada, não sei o que é, lança, riscam o meu corpo, espetam, me batem." Não sente dor, parece observar o que lhe acontece de fora do corpo.

A sua voz se faz longe, quase um sussurro.

Último pensamento em 'vida': "A morte seria a minha libertação".

Flutua para o campo.

"Só tinha injustiças. Só fica quem tem poder." Aproveito sua reflexão após os recentes acontecimentos e pergunto: -"E em relação aos homens, o que tem a dizer?"

- "São animais, monstruosos. Um deles me persegue. Foi ele que fez aquilo quando eu era pequena".

O homem que levou a pedrada morreu naquela ocasião e de alguma forma a perseguiu na espiritualidade, não lhe perguntei por quanto tempo. Sendo ele, também, o homem que a agrediu sexualmente na atual existência.

Procurei trabalhar o perdão, com grande resistência, tanto por parte de Marta como de Mima, ou seja, o espírito vitimado. Através do ódio, ela estava sintonizada com esse espírito embrutecido, o que a atraiu como vítima novamente.

Em outro corpo físico:

O ano é 1819, em Paris. No campo há uma construção de arquitetura grandiosa e rústica. Por dentro, os corredores são enormes, muitas imagens de santos. Funciona ali o que intitula de mosteiro, ou escola ou igreja. É uma congregação, e ela é freira.

Lá o convívio é harmonioso, tem várias amigas. Sua função é a de auxiliar as que são professoras, passando informações e organizando os trabalhos.

Sua vida é tranquila, o lugar é de muita paz. Costuma andar pelos campos.

Aos setenta anos fica doente. Suas colegas rezam por ela.

Seu último pensamento, antes de desencarnar, foi: "Deus, o encontro com Deus".

Após a morte do corpo, sente muita leveza. O que aprendeu nessa existência:

Diz que sua missão nessa existência foi cumprida: desenvolver a fé, a paciência e a harmonia. Que aprendemos através do amor e pela dor, ou seja, teoria e prática.

Acredito que o ato de perdoarmos quem nos tenha feito algum mal seja uma fração do colocar em prática a teoria do amor, o que pode levar muitas e muitas existências, ou não.

Enquanto não fizermos isso acontecer, ficaremos ligados magneticamente aos nossos desafetos, por conta deste "plug" mental que estabelecemos através dos ressentimentos.

A morte, aqui registrada, como em outras obras que especificamente tratam das lembranças do quase pós-morte, são percebidas como um grande alívio, muitas vezes vindo como uma salvação em momentos de dor moral ou física. As mortes mais violentas, geralmente são acompanhadas pelo espírito fora de seu corpo, diminuindo o impacto traumático, principalmente quando se trata de crianças.

A catarse do processo de morte é em si terapêutica, quando desencadeia o *insight* de que o fim de nossa existência não está fadado a ser triste, tétrico e decadente. Da mesma forma, a assimilação do processo reencarnatório nos faz sentir infinitos, fortalecidos e cheios de esperança.

Nem sempre esse *insight* acontece em nível do pensamento consciente, pois, como já foi dito, não é necessário que o paciente esteja convencido ou se convença da reencarnação, mas geralmente além de alcançar os objetivos especificamente propostos, o indivíduo experimenta uma consoladora sensação de paz. (SABINO, 2004, p. 160-164).

Mais casos que provam a eficácia da Terapia de Vidas Passadas.

Tivemos a preocupação de levantar casos de vários especialistas, e, principalmente, que fossem de diferentes países, visando, demonstrar que essa prática se tornou universal. E todos os que a usam são unânimes em atestar a sua eficácia.

Pode-se ver então que a experiência tem comprovado a reencarnação; porém não nos iludiremos de que esse pequeno estudo irá demolir os muros do dogmatismo e do ceticismo,

pois isso só o tempo conseguirá. Estamos buscando os de mente aberta, pois "As mentes fechadas são incapazes de aprender qualquer coisa nova" (WEISS, 2003).

Paulo da Silva Neto Sobrinho
outubro/2006

Referências bibliográficas:

- ANDRADE, H. G. *Morte, renascimento, evolução: uma biologia transcendental*. Votuporanga, SP: Didier, 2003.
- DROUOT, P. *Reencarnação e Imortalidade*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.
- SABINO, A. *Vivências*. Sobradinho, DF: Edicel, 2004.
- WEISS, B. L. *A cura através da Terapia de Vidas passadas*. São Paulo: Salamandra, 1996.

Livros recomendados:

- BARNERJEE, H. N. *Vida pretérita e futura*. Rio de Janeiro: Nordica, 1987.
- BOWMAN, C. *Crianças e suas vidas passadas*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DROUOT, P. *Nós somos todos imortais*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1995.
- FIORE, E. *Você já viveu antes*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1993.
- LEININGER, B. e LEININER, A. *A volta – a incrível e real história da reencarnação de James Huston Jr.* Rio de Janeiro: Best Seller, 2009.
- ROCHAS, A. *As vidas sucessivas*. Bragança Paulista, SP: Lachâtre, 2002.
- STEMMAN, R. *Reencarnação – histórias verdadeiras de vidas passadas*. São Paulo: Butterflu, 2005.
- STEVENSON, I. *20 Casos sugestivos de reencarnação*. São Paulo: Difusora Cultural, 1970.
- TUCKER, J. B. *Vida antes da vida*. São Paulo: Pensamento, 2007.
- WAMBACH, H. *Recordando vidas passadas*. São Paulo: Pensamento, 1997.
- WEISS, B. L. *Muitas vidas muitos mestres*. Rio de Janeiro: Salamandra: 1991.
- WOOLGER, R. J. *As várias vidas da alma*. São Paulo: Cultrix, 2004.